

LADY WILKINSON & NARRATIVA

Eu estava para me despedir e ir embora quando, com um último meneio de cauda, ela me deteve.

“Você vai mesmo me deixar assim?

Quando vou ver você de novo?

Fique e converse comigo.

Você não vai se arrepender.

Palavra de Maggy.”

Meu plano de férias era simples.

Dois dias.

Na noite seguinte eu devia pegar o voo de volta para a Itália.

Mas uma velha dama aristocrática chamava de Londres, e eu, um meio-sangue calabrês, não podia fingir que não estava ouvindo.

“Quanto tempo a senhora gostaria que eu lhe dedicasse?”

Ela arregalou os olhos.

Por um instante, pareceu não ter me ouvido direito.

Como se tivesse entendido mal.

Mas não.

Era eu mesmo quem estava falando.

E ela, uma inglesa armada de experiência e abençoada com uma clareza absoluta de pensamento, reconheceu a oportunidade na hora.

Sorrindo, respondeu:

“Uma vida inteira.”

Sempre que uma mulher, em qualquer lugar do mundo, diz:

“Você não vai se arrepender”,

é porque ela já tem uma ou mais surpresas à sua espera.

Foi uma coisa que aprendi ao longo da vida, dentro das minhas experiências multiculturais.

As mulheres que conheci nunca foram um número.

Eram simplesmente a origem do mundo ao qual eu pertencia.

Eu voltaria ao hotel e informaria os meus novos planos de partida.

Daria a ela cinco dias.

Era o mínimo que eu podia oferecer.

Antes de me deixar ir, porém, ela me deteve mais uma vez e disse:

“A mulher que hoje você chama de Mãe é minha amiga.

Lutamos na mesma guerra.

O destino acabou nos levando em direções diferentes, mas nenhuma de nós jamais se permitiu esquecer.

O respeito continuou verdadeiro.

O respeito continuou mútuo.”

Então me olhou com a calma certeza de quem já viveu várias vidas e pronunciou baixinho as palavras que mudaram tudo:

“Bem-vindo, sobrinho.”

Ferdinando